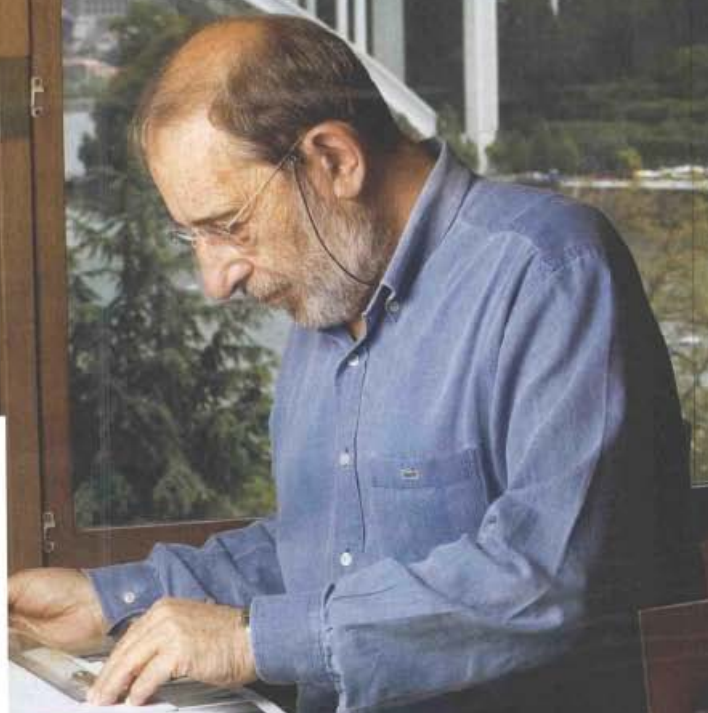


Diário Económico

Fora de série



SIZA VIEIRA

PAI E FILHO.
O FRENTE A FRENTE
DE DUAS GERAÇÕES.

18 PAI E FILHO SIZA VIEIRA

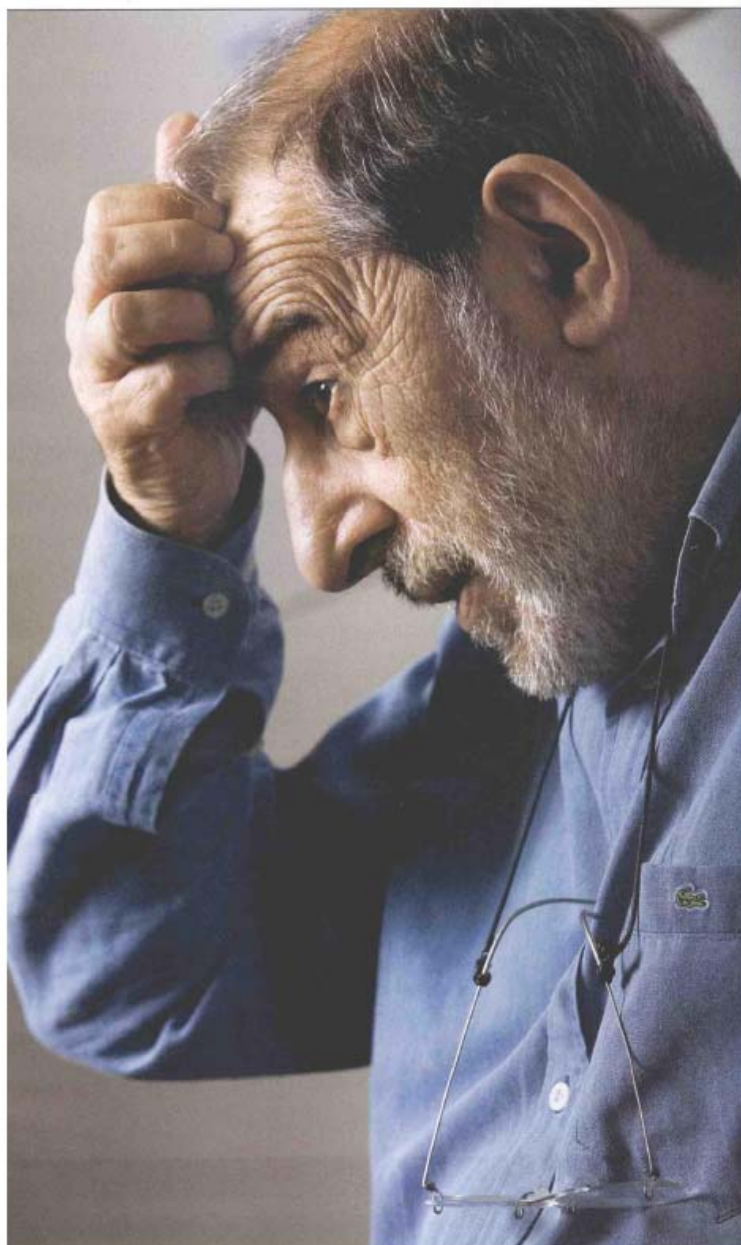
Álvaro e Alvarinho. Duas gerações de arquitectos que não partilham o trabalho, mas têm uma paixão comum pela arte de construir espaços.



PERSONAGEM
ÁLVARO SIZA VIEIRA E ÁLVARO LEITE SIZA

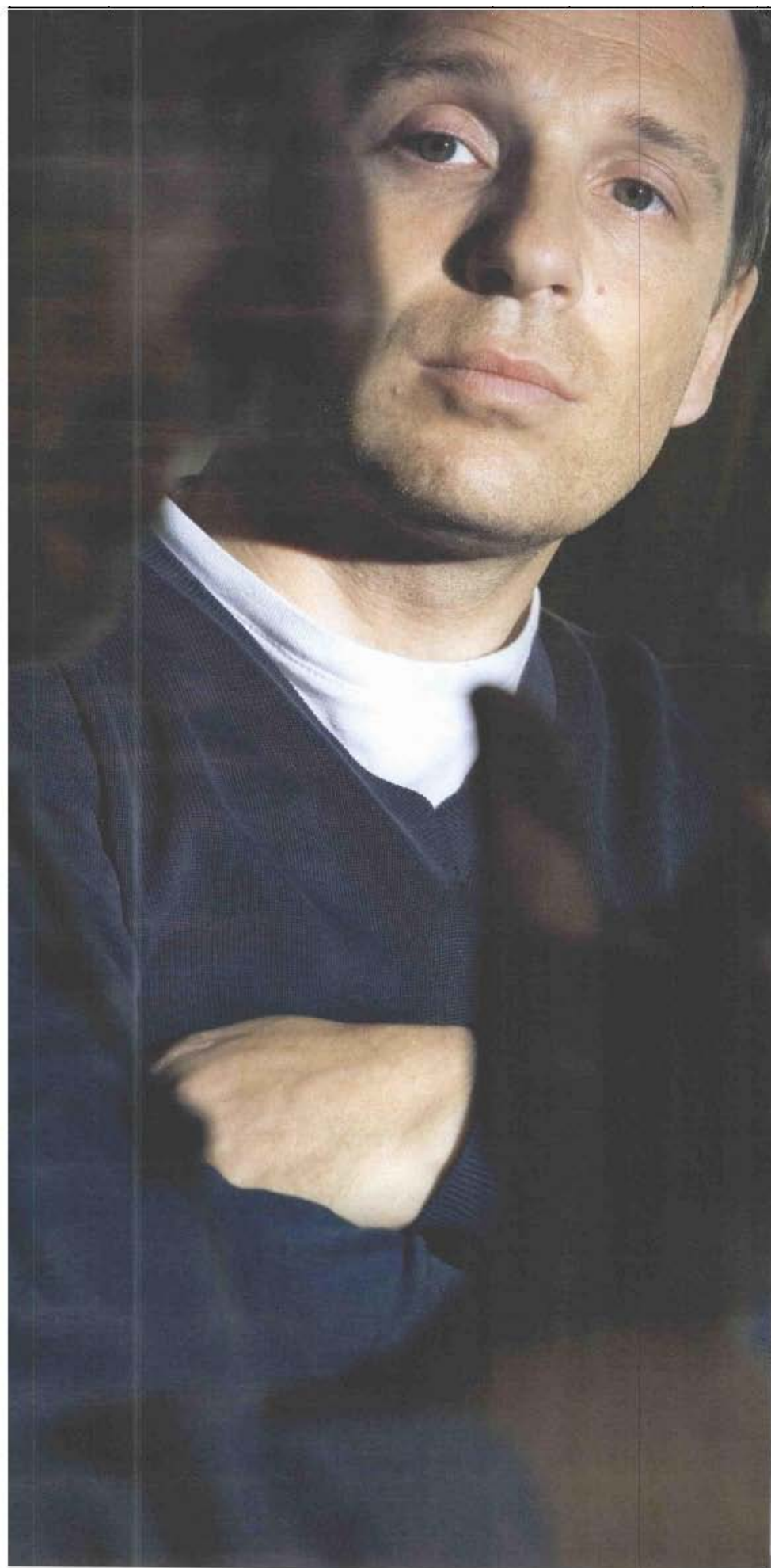
Na arquitectura afirmam ter identidades marcadamente distintas. São pai e filho e é isso que os une. As cumplicidades. As histórias. Os talentos de Álvaro Siza Vieira e Álvaro Leite Siza são independentes e avessos a submissões, por isso nunca se irão fundir. Ganha a arte. Ganha a arquitectura.

Texto de Catarina Madeira Fotografia de Bruno Barbosa



Geração

Siza



Perante as campanhas ficamos indecisos. Devemos tocar no botão que diz Álvaro Siza ou no outro onde se lê Álvaro Leite Siza? Combinámos uma entrevista com os dois arquitectos no atelier do pai. O portão estreito em aço abre para o edifício branco e angular, situado entre a Ribeira e a Foz. Sabíamos que tinha o traço do premiado arquitecto. A identidade estava evidente no minimalismo com que se ergue. Foi a certeza de que estávamos a entrar na obra de Siza para conhecer o seu mundo.

Recebem-nos amavelmente para falar sobre o novo projecto do Bom Sucesso, em que ambos participam. É o primeiro 'design resort' português e integra centenas de moradias projectadas pelos mais reconhecidos arquitectos. O conceito está a nascer em Óbidos e tem a contemporaneidade como denominador comum. Depressa a entrevista evolui para uma conversa informal. Duas vidas e duas gerações que trilharam o mesmo caminho, o da arquitectura. Álvaro Leite Siza, Alvarinho como é carinhosamente tratado, ainda tentou fazer um desvio e seguir um rumo diferente. O curso de Direito foi uma tentativa de "matar o pai", conta com humor. Não foi necessário muito tempo para perceber que a arquitectura não era uma opção, mas uma imposição há muito inscrita nos genes.

O trabalho de Siza dispensa apresentações. São mundialmente conhecidas obras emblemáticas como as Piscinas de Marés, a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a Igreja de Santa Maria. O filho, com 43 anos, começa agora a obter uma visibilidade internacional, que em muito se deve à concepção da casa Toló, construída no Alvite, distrito de Vila Real. O projecto já mereceu destaque em revistas de todo o mundo, nomeadamente na prestigiada "Wallpaper".

De um lado, o discurso pausado e sereno da experiência. Os olhos cansados, atrás das pálpebras pesadas, escondem a rebeldia que continua a existir no traço daquele que, aos 72 anos, é considerado por muitos o maior arquitecto português de todos os tempos. Do outro lado, a energia, a vontade e a admiração pelo "Siza" revelada com ternura de filho e convicção de profissional.

No projecto do Bom Sucesso estarão envolvidos pai e filho.

Pai: Sim, mas cada um tem o seu programa individual. A única relação que podemos ter é se surgirem dificuldades no projecto, ou se precisarmos de perguntar um ao outro alguma coisa.

Alguma vez chegaram a trabalhar juntos?

Pai: Acho que ele trabalhou aqui um mês e depois disse que preferia trabalhar sozinho.

Filho: Isso já foi há muito tempo, há 15 anos.

Pai: Cada um tem a sua vida profissional. Estamos perto um do outro e portanto temos uma relação pessoal, familiar, mas profissional não. Às vezes trocamos impressões.

Porque optou por não trabalhar com o seu pai?

Filho: Boa pergunta! Quando ainda era estudante apareceu um ou outro amigo que me pediu um trabalho. Uma casa de férias... depois até algumas discotecas. Isso dava-me um certo prazer porque podia controlar tudo, podia conceber. Aqui, com o meu pai, seria um colaborador como outro qualquer. Depois foi um percurso natural, não foi muito premeditado. Comecei a envolver-me nesses trabalhos, coisas pequenas que não dão muito dinheiro.

PERSONAGEM
ÁLVARO SIZA VIEIRA
E ÁLVARO LEITE SIZA

Até porque são dois arquitectos com características muito distintas.

Pai: Naturalmente, somos de gerações diferentes. Embora os problemas da arquitectura ultrapassem gerações, é evidente que os mais novos têm outros pontos de vista. Isso é saudável. Penso que pai e filho, marido e mulher, por exemplo, devem trabalhar de forma independente, senão a tendência é de haver um que subjuga o outro, porque dirige mais.

Filho: Tenho a mesma forma de liderar a concepção e a criação. O trabalho dos assistentes e estagiários é mais desenvolver, desenhar, utilizar o computador, ir uma vez ou outra à obra...

Em termos dos projectos que idealizam e passam para o papel, quais são as vossas grandes diferenças?

Filho: É evidente que sou influenciado pelo Siza, não como pai, mas como acho que um conjunto grande de pessoas em Portugal e no estrangeiro são influenciadas. É toda uma geração que pode usufruir dessa influência. Mas eu tive a minha vivência. Os problemas, hoje, em Portugal, são completamente diferentes do que eram há 30 ou 40 anos. Acho que nos últimos trabalhos que fiz existem diferenças claras. Até no que respeita ao estatuto que o meu pai conquistou neste momento, fazendo trabalho para o Estado e para grupos economicamente fortes, enquanto eu estou a trabalhar para particulares com condicionantes económicas.

Nunca quis contrariar a tendência de seguir um caminho semelhante ao do seu pai?

Filho: Quis. Quando comecei a interessar-me por construção e arquitectura tinha uns quatro ou cinco anos. A família da minha mãe tinha uma fábrica de têxteis onde havia uns paus e uns módulos com várias medidas com que fazia casas para bonecas ou para soldados. Desde miúdo que ia muito para casa dos meus avós e fazia muitas construções, depois passava para o papel para um dia poder repetir.

A arquitectura surgiu dentro de si ou a influência do seu pai foi determinante?

Filho: A arquitectura estava sempre presente lá em casa. Lembro-me de ir a algumas obras com o meu pai. O desenho também estava presente, a minha mãe desenhava muito bem... a minha irmã já não gosta tanto de desenhar.

Pai: Eu nunca interfeiri. O primeiro curso que o Álvaro escolheu foi Direito e fez o primeiro ano, até com boas notas. O que me pareceu foi que ele se aborreceu um pouco com o curso e já não fez o segundo ano.

Foi uma tentativa de se descolar do seu pai?

Filho: Sim. Apeteceu-me autonomizar-me. Foi uma tentativa, talvez, de matar o pai... não sei. (risos) Mas foi um disparate, porque Direito não tinha nada a ver.

Pai: Tinha-nos feito jeito. (risos)

Filho: Sim... Nesta profissão precisamos de ser um bocado advogados para levar alguns projectos a bom porto.

Colocam-se muitos obstáculos aos arquitectos?

Filho: É uma profissão muito complexa, é preciso ter muita capacidade para materializar os trabalhos. Eu não consigo materializar muitos!

Ajudava o seu filho nos trabalhos da universidade?

Pai: Não, nunca. E julgo que não se deve. Se ele me pergun-

tava, eu era capaz de dar a minha opinião. Já no trabalho que faz agora, nem sequer tenho muito tempo para opinar.

É crítico do trabalho do seu filho?

Pai: Não! Observo o que ele faz, interpreto-o e eventualmente digo-o, mas só se me pedirem.

O que admira mais no trabalho dele?

Pai: Um aspecto importante é a tenacidade. É muito difícil para um jovem arquitecto iniciar a vida profissional. Quando somos novos e cheios de energia temos dificuldade em ser convidados para um trabalho e depois leva um certo tempo a sermos procurados, sobretudo para a obra pública.

O Siza filho já concorreu a algum concurso?

Filho: Fiz um internacional.

Pai: E até ficou bem classificado nesse!

Filho: Foi no Japão, eram cerca de cinco mil concorrentes e fiquei nos primeiros classificados, foi um projecto finalista. Depois fiz outro em Portugal e fiquei quase em último, no quadragésimo (risos). Para mim a saída não está aí.

O que admira mais no trabalho do seu pai?

Filho: Muitas coisas. A capacidade de trabalho. É quase uma forma de estar na vida. Depois, a sensibilidade. É reunir numa só pessoa um conjunto de potencial e de características fundamentais para se conseguir fazer uma arquitectura de alto nível e com qualidade. Há muitos arquitectos criativos, sensíveis, emocionais, mas que depois não conseguem criar um percurso como eu acho que o pai criou.

Pai: Se me fazes mais elogios... (risos)

Alguma vez sugeriu que fosse o seu filho a fazer algum dos trabalhos que não consegue encaixar na agenda?

Pai: Não costumo fazer isso e acho que não se deve fazer,



mas fi-lo uma ou outra vez por razões especiais. Quando não podia fazer um trabalho e me perguntavam quem o poderia fazer dizia: "talvez o meu filho".

Filho: Mas as pessoas não querem...

Porquê?

Filho: Porque a maioria das pessoas quer uma assinatura, procuram o Siza como procuram um quadro de artista.

A sua vida é facilitada ou prejudicada pela sombra inevitável do seu pai, o grande arquitecto Álvaro Siza?

Pai: Prejudicada.

Filho: A mentalidade dos portugueses é um pouco provinciana, baseada em frases feitas e estigmas mentais. Lá fora ninguém se interessa se sou filho do Siza, se sou pobre ou rico, se sou mais ou menos doido, só lhes interessa o trabalho.

Gostava de atingir o mesmo reconhecimento que o seu pai?

Filho: Não penso muito nisso!

Quando entrámos no atelier, Álvaro Siza trazia consigo um cigarro. Embora estivesse apagado, segurava-o na mão e na boca como se pudesse sorver o seu fumo. É o único vício que confessa. Sobre a sala de paredes despidas e armários em desordem começa a formar-se uma nuvem, o cigarro já está aceso. As mãos enrugadas movem-se no gesto permanente do "leva e traz" de um cigarro... e outro e mais outro. Se em vez disso tivesse na mão papel e caneta, talvez riscasse alguns desenhos. Traços, formas, breves retratos. Quem sabe se não dariam origem a um segundo livro de esboços de Álvaro Siza, semelhante aos "Desenhos Urbanos" publicados em 1994. A conversa continua...

O que é um mamarracho?

PERSONAGEM
ÁLVARO SIZA VIEIRA
E ÁLVARO LEITE SIZA

A MAIORIA DAS PESSOAS QUER UMA ASSINATURA, PROCURAM O SIZA COMO PROCURAM UM QUADRO DE ARTISTA.

Filho: Um edifício mal proporcionado, mal enquadrado...

Pai: É uma coisa grande e, daí, desproporcionado. Mas não é isso que no território é mais penalizante. O que impressiona em Portugal é que não há um controlo de ocupação do território, não se vê. Ainda há construção clandestina, mas não é isso que pesa.

Lisboa tem recebido inúmeros projectos de arquitectos estrangeiros, como vê essa mudança na cidade?

Pai: Termos arquitectos estrangeiros a trabalhar em Portugal é normal, eu próprio faço muita coisa lá fora. É até fundamental para a arquitectura esse intercâmbio. Mas também há a tendência de ir procurar os arquitectos pelo nome.

Por vezes sente que o procuram só pelo prestígio que alcançou sem mesmo conhecerem bem o seu trabalho?

Pai: As vezes sim.

Filho: Mas a obra do Siza é tão conhecida que muitas pessoas a procuram porque se identificam com ela.

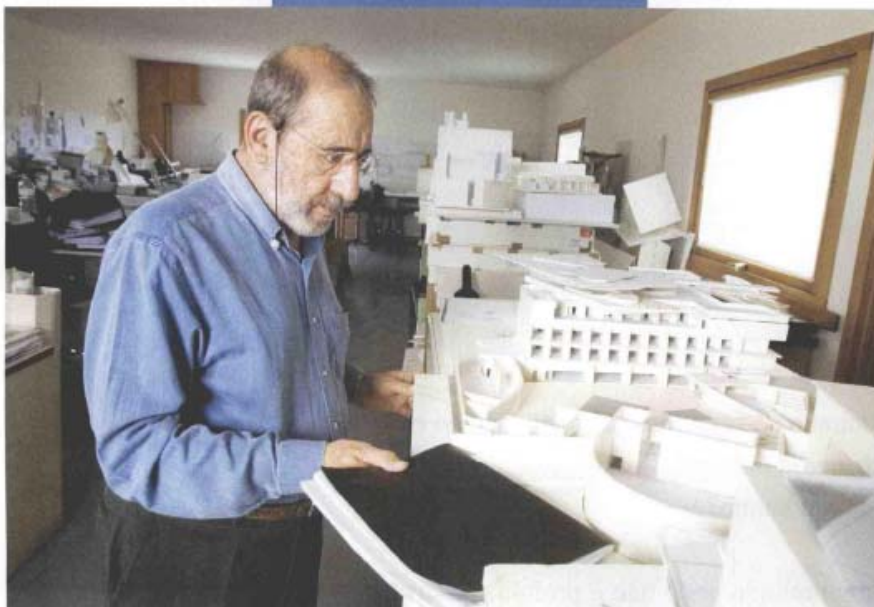
Siza: Isso também não acontece muito porque não tenho estrutura nem organização para penetrar no mercado em geral. A maior parte do trabalho que tenho fora foi porque o ganhei em concurso, mas nunca andei à procura de trabalho. Recebo muitos convites para construir uma obra de prestígio. E há algumas desilusões.

Quando projectou a igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses, D. José Policarpo comentou que a igreja parecia uma anta e que se tinha sacrificado o exterior a favor do interior. Este tipo de comentário faz com que se sintam incompreendidos?

Pai: Não. Eu compreendo que não seja compreendido. Nesse caso, de início houve uma grande reacção contra, até porque envolve uma ideia daquilo que é a arquitectura religiosa. Na Igreja há muita coisa que está a mudar, a liturgia, o padre que estava de costas virou-se para a assembleia, o que muda todo o aspecto de relação do utente com o espaço. Essa incompreensão, que não é uma agressão, muitas vezes evolui no sentido da adesão. No Marco acho que isso aconteceu. Muitas vezes oiço comentários do género: "afinal tem luz!".

A sua arquitectura não deixa adivinhar por fora a importância que a luz adquire por dentro.

Pai: A leitura do exterior vai muitas vezes no sentido de se pensar que são edifícios escuros, sem janelas... e afinal tem luz, tem vistas! A maioria das construções tem uma sequência de aberturas ou é totalmente envidraçada e quando não é assim há uma total incompreensão. Houve uma grande reacção contra a construção do restaurante da Boa Nova, em 1958, porque se dizia que era a única construção que estava ao contrário e tinha a fachada atrás, a abertura é para o mar. Foi muito mal visto na altura.



Quando faz os seus projectos pensa em agradar a quem?

Pai: Não há ninguém que não pense em agradar, mas não sujeito a reflexão e a condução do trabalho a essa premissa. Às vezes também há provocação.

Como é que lida com todas as vozes que se ergueram contra o seu projecto mais recente em Espanha?

Pai: Dando a explicação do que se está a fazer, provando que o que se está a dizer é mentira. Neste caso, dizia-se que iam ser derrubadas 600 árvores, o que é uma absoluta mentira.

Filho: É uma questão política.

Pai: O que há a fazer é usar uma enorme transparência. Ao contrário do que se disse, que o trabalho foi feito em segredo, já houve duas grandes exposições sobre ele e períodos de debate público.

Lembra-se de algum projecto que hoje faria totalmente diferente?

Pai: Seguramente faria diferente. Mas não há nada em que diga que fiz uma "pessegada".

E o seu percurso começou na cozinha da sua avó.

Pai: Não chegou a ser uma obra de arquitectura. Foi feito com muito entusiasmo e também na família com algumas reacções: "mas que esquisito e tal"... não foi muito diferente de qualquer outro processo. Só o número de interlocutores era mais reduzido e mais benévolo.

O que provocou essas reacções mais reticentes?

Pai: Um candeeiro bauhausiano todo fluorescente, não era o que se usava em geral.

Também teve este tipo de experiência na família?

Filho: Nunca fiz projectos para a família, que já tinha o seu arquitecto, nem para os amigos da geração acima, que eram o Souto Moura, o Távora, o Soutinho...

Mas agora está a fazer a sua casa.

Filho: Um dos sonhos que tinha, já há muito tempo, já que não conseguia trabalhar fora. Comecei o projecto apoiado já em 15 anos de trabalho, na herança da minha mãe que morreu quando tinha 10 anos e com algum apoio económico do meu pai. É uma oportunidade de conquistar trabalho.

Qual é a divisão da casa em que se está a empenhar mais?

Filho: Não vejo a casa como partes dissociadas, vejo como uma vivência una. É uma casa que não tem nada a ver com as tendências, não tem muitos vidros por questões climáticas e de segurança.

Pai: O importante numa casa é o quarto de arrumos. (Risos)

Porquê?

Pai: É uma brincadeira, mas a verdade é que às vezes as pessoas esquecem-se dele e também é importante.

Vive numa vivenda do Souto Moura. Porque é que nunca fez nada para si?

Pai: Acho que me dava muito trabalho.

Teria de ser a obra mais perfeita?

Pai: Não! Não tenho esse sonho.

Filho: Se calhar nunca mais acabava!

Os cigarros avolumam-se no cinzeiro. A conversa vai-se desfiando ao sabor de histórias, risos, complicações e da arquitectura. Sempre a arquitectura. Não fosse ela o elemento que delineou o projecto destas duas vidas. Assim contadas, naquela orgulhosa pronúncia da Foz, as histórias são mais saborosas. Ao falar do Porto, cidade onde os dois arquitectos sempre voltam para os amigos, para os hábitos e para o rio, é impossível não contemplar a vista privilegiada sobre o Douro: ao fundo, a ponte da Arrábida e, na outra margem, o

"velho casario que se estende até ao mar", como diz a canção de Rui Veloso. Desenham-se as infâncias, os prazeres, os vícios, os receios...

Lembra-se de quando despertou para a arquitectura?

Pai: Não foi logo. Primeiro queria ser pintor ou escultor. Muitas das minhas aquarelas tinham como motivo o Douro.

Houve muitos apelos para ir viver para Lisboa ou até para outros países?

Pai: Sim. Se quisesse mais conforto vivia em Lisboa. Se quisesse ainda mais comodidade viveria na Suíça.

Só o faz por paixão?

Pai: Também um pouco por rotina. Deixar amigos e família custa um bocado. É uma questão afectiva. Em termos de comodidade e de acessibilidades o Porto é, actualmente, um problema.

Se pudesse, o que mudava no Porto?

Pai: Muita coisa! O mais gritante é a decadência do centro histórico, outra coisa dolorosa para mim é o que está a acontecer à paisagem nas duas margens do rio. Constroem prédios de vários andares mesmo em cima da encosta, onde antes haviam os socacos do Douro.

Para si quais são os locais mais emblemáticos da cidade? Onde vai para descansar e estar com os amigos?

Pai: Normalmente não vou. Lembro-me é das viagens de eléctrico que fazia todos os dias para ir estudar, já que eu vivia em Matosinhos e o liceu era no centro do Porto. O passeio era muito bonito ao longo do Douro. As barcas a descarregar carvão e as mulheres a transportá-lo, é uma imagem muito forte. Depois era uma forma de ler, nunca li tanto como nesse tempo porque a viagem demorava 45 minutos.

O que lia nessa altura?

Pai: Romances. Foi na altura em que foram editados em Portugal os novos romancistas americanos, Faulkner, Savoy, Steinbeck. Alguma literatura francesa. Antes disso, os portugueses só liam Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós... e com reservas porque os meninos não podiam ler o "Crime do Padre Amaro", por exemplo.

E onde é que estava com os amigos?

Pai: Como estudante da Faculdade de Belas Artes ia ao Magestic e ao Paladium. Depois havia os cafezinhos mais sossegados onde se ia estudar e mais tarde trabalhar. Havia muito o hábito de ir com os amigos ao café, na altura com muito poucas mulheres porque não era bem visto, tal como fumar em público.

Conseguiria passar um dia de trabalho sem pegar num cigarro?

Pai: Há dias em que tenho de fazer viagens de 14 horas e aguento sem fumar, não entro em desespero. Sou um fumador que não trava o fumo. Mas vejo uma certa hipocrisia nestas leis mais duras e na continuação da produção.

Filho: Acho bem que haja sítios para fumar e até o facto de algumas pessoas fumarem leva a que outras não o façam. Por exemplo, o meu pai fumava quatro maços, eu e a minha irmã crescemos num ambiente de fumo e eu não fumo. Se calhar um bocado por reacção, porque nas idades em se começa eu já tinha uma aversão grande. Tenho amigos que deixaram de fumar aos 40 e sofreram com isso.

Acha que a partir dos 40 anos já não é tempo para tomar decisões tão radicais como deixar de fumar?

Pai: É difícil! Aos 40 anos mudei de casa e foi uma mudança bem dura, não é brincadeira.



A MENTALIDADE DOS PORTUGUESES É PROVINCIANA. LÁ FORA NINGUÉM SE INTERESSA SE SOU FILHO DO SIZA, SE SOU POBRE OU RICO, SE SOU MAIS OU MENOS DOIDO, SÓ LHE INTERESSA O TRABALHO.

Tem outro vício para além do tabaco?

Pai: Tenho, mas não digo.

Quais os seus grandes prazeres?

Pai: Adoro viajar, tenho pena de agora só o fazer em trabalho. É como carregar uma bateria, recolher informação, sentir a ausência de stress, mas essencialmente prazer.

Lembra-se da última viagem que fez em lazer?

Pai: Tenho recordações maravilhosas do Peru e da Colômbia. Mas estou como o como o professor Freitas do Amaral, estou cansado e espero não ser censurado por isso.

Tem outros prazeres? Conduzir, por exemplo?

Pai: Agora não posso por causa dos meus olhos, mas mesmo quando guiava sempre tive carros manhosos. Nunca tive o desejo de ter um Porsche.

O meu grande prazer é sentar-me num bom 'maple' com um copo de whisky na mão e a ver televisão.

O que gosta de ver na televisão?

Pai: Às vezes não gosto de nada, mas vejo muito.

E os prazeres do Álvaro filho?

Filho: São tudo aquilo que me possibilite desligar da arquitectura. O convívio com os amigos é muito importante e como não tenho tempo durante o dia, estou com eles à noite. Gosto de jantar fora e sair. Gosto muito de música.

Quais são as suas escolhas musicais?

Filho: Anglo-saxónica, 'house', e alguma música clássica adoro Mozart. Ouvia muita música brasileira com o meu pai, Chico, Caetano... Inspiro-me na música para fazer os meus projectos.

O que mais o inspira?

Filho: Nos sentimentos, nos estados de espíritos, no corpo e na interacção humana, na arquitectura clássica, asteca e grega. Tive uma tia que costumava viajar para os confins culturais e depois fazia sessões de slides e isso é uma coisa que está muito presente em mim.

Quais são os maiores receios de Álvaro Siza?

Pai: A doença. Só deixarei de trabalhar no dia em que estiver tão doente que não possa mesmo, de resto, não concebo deixar de trabalhar. A doença, a decadência física é muito pior do que a morte.

É verdade que não gosta de entrevistas, nem de falar da sua vida pessoal?

Pai: Acho que ninguém gosta de falar da vida pessoal, e também não tenho uma vida assim tão palpitante quanto isso. ■